

DIGITALIZAÇÃO DO AFETO: A DIGISSEXUALIDADE E AS NOVAS CONFIGURAÇÕES RELACIONAIS ENTRE HUMANOS E INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS

Matheus Crivelatti Carneiro¹; Mariléia Batista Fertig; Talles Carvalho Elizei³; Eliana Rezende Adami⁴; Cristiane Maria Tonetto Godoy⁵.

¹Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP), Caçador, SC. <https://lattes.cnpq.br/1232266915937297>

²Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP), Caçador, SC. <http://lattes.cnpq.br/6127282762390034>

³Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP), Caçador, SC. <http://lattes.cnpq.br/4029820996462230>

⁴Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP), Caçador, SC. <http://lattes.cnpq.br/2551016065277441>

⁵Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP), Caçador, SC. <http://lattes.cnpq.br/0677941801050497>

PALAVRAS-CHAVE: Ciberafetividade. Tecnoapego. Intimidade algorítmica.

DOI: 10.47094/IIICOLUBRASMU.2026/RE/4

INTRODUÇÃO

A contemporaneidade é marcada por profundas transformações tecnológicas que modificam continuamente a maneira como os sujeitos estabelecem vínculos sociais, emocionais e afetivos. A expansão das inteligências artificiais conversacionais, sistemas de realidade virtual e algoritmos capazes de simular empatia vem ampliando as possibilidades de interação entre humanos e máquinas, favorecendo o surgimento de novas formas de relacionamento emocional (German, 2024).

Nesse contexto emerge o conceito de digissexualidade, termo utilizado para descrever indivíduos que desenvolvem preferência afetiva, emocional ou sexual por tecnologias digitais e inteligências artificiais, em detrimento de relações interpessoais tradicionais. Tal fenômeno tem despertado interesse crescente em áreas como psicologia, sociologia, neurociência e filosofia, especialmente devido às implicações emocionais e comportamentais associadas a esses vínculos (Cheok; Levy e Karunanayaka, 2016).

A ascensão de aplicativos conversacionais humanizados e inteligências artificiais programadas para fornecer validação emocional constante contribui para que algumas pessoas desenvolvam sentimentos de conforto, pertencimento e segurança emocional diante das interações digitais. Em diversos casos, usuários relatam sentir menor ansiedade, medo de rejeição ou insegurança ao interagir com sistemas artificiais quando comparados às relações humanas presenciais (Cash *et al.*, 2012).

A facilidade de acesso às inteligências artificiais também contribui significativamente para a expansão desse fenômeno. Diferentemente das relações humanas, que exigem reciprocidade, tolerância às frustrações e adaptação emocional constante, os sistemas artificiais oferecem disponibilidade contínua e interações moldadas às preferências

individuais do usuário. Tal dinâmica pode favorecer processos de idealização afetiva e reforçar mecanismos de evitação social, especialmente em indivíduos emocionalmente vulneráveis ou com dificuldades de interação interpessoal (Karmakar *et al.*, 2026).

Sob a perspectiva psicológica, o fenômeno torna-se relevante ao considerar fatores como isolamento social, frustrações afetivas, idealização relacional e dificuldades de socialização. As inteligências artificiais passam gradativamente a ocupar espaços antes associados exclusivamente à intimidade humana, promovendo reflexões acerca dos limites entre adaptação tecnológica, dependência emocional e possíveis implicações psicopatológicas (Richards e Smart, 2016).

Além disso, a crescente sofisticação tecnológica tende a intensificar essas experiências relacionais digitais. Ferramentas como avatares hiper-realistas, robôs sociais e inteligências artificiais emocionais tornam as interações cada vez mais imersivas, alterando significativamente a forma como os sujeitos compreendem intimidade, afeto e pertencimento emocional (Karmakar *et al.*, 2026).

Assim sendo, torna-se necessário discutir criticamente os impactos emocionais e sociais da digissexualidade, bem como refletir sobre a hipótese futura de manifestações extremas deste fenômeno serem debatidas dentro de classificações diagnósticas psiquiátricas, como um possível DSM-VI (Babu *et al.*, 2025).

OBJETIVO

Compreender como o avanço das inteligências artificiais e das tecnologias relacionais influencia o desenvolvimento de vínculos afetivos e emocionais entre humanos e sistemas digitais. Além disso, discutir as possíveis implicações psicológicas, sociais e comportamentais da digissexualidade, refletindo criticamente acerca da hipótese futura de manifestações extremas desse fenômeno serem consideradas em debates diagnósticos psiquiátricos relacionados ao DSM-VI.

METODOLOGIA

A pesquisa constitui uma revisão bibliográfica qualitativa com o objetivo de analisar criticamente a produção científica recente sobre relações afetivas mediadas por tecnologias digitais e inteligências artificiais. Buscou-se compreender como a literatura contemporânea descreve o fenômeno da digissexualidade, suas implicações emocionais e possíveis impactos psicossociais (Gil, 2022).

O levantamento bibliográfico ocorreu em bases digitais como Google Acadêmico, SciELO, PubMed e Periódicos CAPES, utilizando os descritores “Digisexuality”, “Artificial Intelligence and Relationships”, “Human-AI Attachment”, “Digital intimacy”, “Paraphilia” e “Technology-mediated relationships”. Foram priorizados estudos publicados entre os anos

de 2019 e 2026, contemplando pesquisas relacionadas à saúde mental, comportamento humano e tecnologia.

Após o processo de seleção, foram considerados artigos que abordavam especificamente vínculos emocionais com inteligências artificiais, dependência tecnológica, isolamento social associado à virtualização das relações e discussões clínicas sobre possíveis alterações comportamentais decorrentes dessas interações.

A análise ocorreu de forma qualitativa e interpretativa, permitindo identificar como diferentes autores compreendem os impactos emocionais e sociais da digissexualidade, bem como os debates éticos relacionados à possível patologização dessas novas formas de vínculo afetivo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise efetuada demonstra que a humanização crescente das inteligências artificiais favorece a construção de vínculos emocionais entre usuários e sistemas digitais. As inteligências artificiais oferecem respostas rápidas, validação constante e previsibilidade emocional, fatores que podem fortalecer sentimentos de apego afetivo e conforto emocional.

Indicando que indivíduos com histórico de isolamento social, ansiedade interpessoal ou experiências afetivas traumáticas apresentam maior predisposição ao desenvolvimento de relações emocionais intensas com inteligências artificiais. Nessas situações, a tecnologia passa a funcionar como um ambiente emocionalmente seguro e controlável.

Outro aspecto relevante refere-se à idealização relacional promovida pelas inteligências artificiais. Como esses sistemas podem ser programados para responder de maneira constantemente acolhedora e empática, ocorre um fortalecimento de vínculos idealizados, diferentes das relações humanas marcadas por conflitos e imprevisibilidades.

Entretanto, a digissexualidade permanece como um fenômeno sem consenso científico. Parte da literatura compreende essas relações como formas contemporâneas de adaptação emocional, enquanto outros autores alertam para riscos relacionados à dependência tecnológica, isolamento progressivo e esquiva das relações interpessoais presenciais.

Nesse contexto surge a hipótese de que manifestações extremas da digissexualidade possam futuramente integrar debates diagnósticos relacionados ao DSM-VI. Apesar disso, atualmente não existe reconhecimento oficial da digissexualidade como transtorno mental ou parafilia, sendo necessárias mais pesquisas científicas sobre o tema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a digissexualidade constitui um fenômeno contemporâneo diretamente relacionado às transformações tecnológicas e às novas formas de interação mediadas digitalmente. Observou-se que inteligências artificiais capazes de simular empatia, acolhimento e validação emocional vêm ocupando espaços antes restritos às relações interpessoais tradicionais.

Embora ainda não exista consenso científico acerca da classificação clínica da digissexualidade, o tema apresenta crescente relevância para a psicologia, especialmente diante do aumento de relatos envolvendo vínculos emocionais intensos com sistemas artificiais. Tal fenômeno exige investigações interdisciplinares cuidadosas, considerando aspectos emocionais, sociais, culturais e éticos.

Destaca-se também a necessidade de futuras pesquisas analisarem os limites entre adaptação tecnológica saudável, dependência emocional digital e possíveis prejuízos psicossociais decorrentes dessas interações. Além disso, o debate acerca de uma eventual inclusão de manifestações extremas da digissexualidade em futuras classificações diagnósticas permanece hipotético e controverso, demandando ampla fundamentação científica antes de qualquer categorização psiquiátrica.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

BABU, J. *et al.* Emotional AI and the rise of pseudo-intimacy: are we trading authenticity for algorithmic affection? **Frontiers in Psychology**, v. 16, p. 1679324, 2025. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC12488433/>. Acesso em: 17 mai. 26.

CASH, H. *et al.* Internet addiction: a brief summary of research and practice. **Current Psychiatry Reviews**, v. 8, n. 4, p. 292-298, 2012. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC3480687/>. Acesso em: 17 mai. 26.

CHEOK, A. D.; LEVY, D.; KARUNANAYAKA, K. Lovotics: love and sex with robots. In: **Emotion in Games**. Cham: Springer International Publishing, 2016. p. 303–328. Disponível em: https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-319-41316-7_18. Acesso em: 17 ma. 26.

GERMAN, D. B. *Alone Together: Why We Expect More From Technology and Less From Each Other*. **Politics, Culture and Socialization**, v. 15, p. 136-139, 2024. Disponível em: <https://budrich-journals.de/index.php/pcs/article/view/45863/39260>. Acesso em: 17 mai. 26.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 8. ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2026. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786559777877/>. Acesso em: 15 mai. 26.

KARMAKAR, R. *et al.* Emotional attachment and its relationship to artificial intelligence. **International Research Journal on Advanced Engineering and Management**, v. 4, n. 5, p. 1324-1333, 2026. Disponível em: <https://doi.org/10.47392/IRJAEM.2026.0200>. Acesso em:

17 mai. 26

RICHARDS, N. M.; SMART, W. D. How should the law think about robots? In: **Robot Law**. Cheltenham: Edward Elgar Publishing, 2016. Disponível em: https://robots.law.miami.edu/wp-content/uploads/2012/03/RichardsSmart_HowShouldTheLawThink.pdf. Acesso em: 17 mai. 26.